

o resgate do titanic
clive cussler
série dirk pitt

Tradução de José Remelhe



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Com gratidão para a minha mulher, Barbara,
Errol Beauchamp, Janet e Randy Richter,
e Dick Clark

PREFÁCIO



Quando Dirk Pitt resgatou o *Titanic* das páginas de uma máquina de escrever guardada num canto húmido de uma cave inacabada, o lendário transatlântico só seria descoberto de facto dez anos mais tarde. Corria o ano de 1975 e a obra *O Resgate do Titanic* tornou-se o quarto livro das aventuras submarinas de Pitt. Até então, ninguém tivera vontade de investir o imenso esforço monetário e de tempo numa operação de busca. Porém, depois da publicação do livro e do lançamento do filme, uma renovada vaga de interesse varreu a América e a Europa. Foram lançadas, pelo menos, cinco expedições de busca dos destroços.

A minha inspiração original baseou-se na fantasia e num desejo de retirar o navio mais famoso do mundo do fundo do mar e rebocá-lo até ao porto de Nova Iorque, concluindo assim a sua viagem de estreia que começara três quartos de século antes. Felizmente, foi uma fantasia partilhada por milhões dos seus dedicados fãs.

Agora, setenta e três anos depois de se afundar no silêncio do abismo negro, finalmente câmaras revelaram a sua descerrada sepultura.

A ficção tornou-se realidade.

A descrição de Pitt da história da embarcação corresponde muito bem ao que as câmaras dos robôs registaram pouco depois da descoberta mediante o milagre de um sonar de varredura lateral. Além dos danos estruturais, sofridos durante o afundamento de quase quatro mil metros até bater no fundo, a embarcação foi pouco danificada pelos seres marinhos e pela corrosão. Até as garrafas de vinho e os talheres de prata que se espalharam no sedimento parecem imaculados.

Será que o *Titanic* alguma vez voltará a ver a luz do dia?

É pouco provável. Uma operação de resgate completa teria custos próximos da ida do Homem à Lua com o projeto Apollo. Porém, será possível ver-se submersíveis tripulados por humanos a rondar o casco à procura de

artefactos, enquanto equipas de advogados americanos e britânicos arregaçam as mangas para demoradas batalhas jurídicas para decidir a quem pertence.

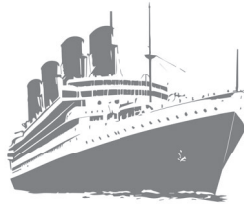
Pitt teve sempre os olhos postos no futuro e achou-o pleno de entusiasmo e aventura. Na década de 1970, ele era um homem dos anos oitenta. Agora é um homem dos anos noventa. Como um batedor à procura de uma caravana, Pitt sonda o que há do outro lado da colina e diz-nos o que lá nos espera. Vê aquilo que gostaríamos de ver na nossa imaginação.

Por isso, ninguém poderia ter ficado mais feliz do que eu quando anunciaram a descoberta do *Titanic*.

Eu sabia que Pitt fora o primeiro.

ABRIL DE 1912

PRÓLOGO



O homem que estava no camarote de luxo 33 do convés A virou-se para um lado e para o outro no estreito beliche, a mente por detrás do rosto transpirado perdida nas profundezas de um pesadelo. Era pequeno, com menos de um metro e sessenta, cabelos grisalhos rarefeitos e feições insípidas, e a sua única característica digna de nota era umas sobrancelhas farfalhudas. Tinha os dedos entrelaçados em cima do peito a contorcer-se num ritmo nervoso. Aparentava estar na casa dos cinquenta. A sua pele tinha a cor e a textura de um passeio de betão e as rugas debaixo dos olhos profundamente gravadas. Porém, faltavam apenas dez dias para o seu trigésimo quarto aniversário.

O esforço físico e o tormento mental dos últimos cinco meses tinham-no exaurido e deixado à beira da loucura. Quando estava acordado, a sua mente vagueava por canais desabitados, perdendo toda a noção do tempo e da realidade. Tinha de estar sempre a lembrar onde estava e que dia era. Estava a ficar maluco, de forma lenta, mas definitivamente maluco, e o pior de tudo era que sabia que estava a ficar maluco.

Abriu os olhos e focou o olhar na ventoinha silenciosa que estava dependurada no teto do camarote de luxo. Passou as mãos pela cara e sentiu a barba de duas semanas. Não teve de olhar para as roupas; sabia que estavam encardidas, amarrotadas e manchadas de suor ansioso. Deveria ter tomado um banho e mudado de roupa depois de subir a bordo do navio. Porém, em vez disso, deitara-se no seu beliche e dormira um sono irregular, temeroso e obcecado durante quase três dias.

Era o início da noite de domingo e o navio só deveria atracar em Nova Iorque na madrugada de quarta-feira, pelo que faltavam pouco mais de cinquenta horas.

Tentou convencer-se de que agora estava em segurança, mas a sua

mente recusou-se a aceitar esse facto, apesar de o prémio que custara tantas vidas estar em total segurança. Pela enésima vez apalpou o alto no bolso do colete. Reconfortado por saber que a chave estava ali, esfregou a testa reluzente com uma mão e fechou os olhos outra vez.

Não sabia ao certo quanto tempo dormitara. Despertara sobressaltado com alguma coisa. Não fora um barulho alto ou um movimento brusco, mas antes uma vibração no colchão e um estranho ranger algures muito abaixo do seu camarote a estibordo. Sentou-se com rigidez e passou as pernas para o lado de fora da cama. Passaram-se uns minutos e sentiu uma invulgar acalmia sem vibrações. Foi então que a sua mente brumosa percebeu porquê. Os motores tinham parado. Sentou-se ali à escuta, mas só ouviu os camareiros a gracejar em voz baixa e as conversas abafadas nos camarotes contíguos.

Envolveu-o um tentáculo gélido de inquietação. Outro passageiro poderia simplesmente ter ignorado a interrupção e voltado a adormecer, mas ele estava à beira de um esgotamento e tinha os cinco sentidos a fazer horas extra, amplificando todas as sensações. Três dias trancado no seu camarote, sem comer e sem beber, a recordar os horrores dos últimos cinco meses, só contribuíram para atizar as chamas da insanidade por detrás da sua mente em rápida degeneração.

Destrancou a porta e, vacilante, atravessou o corredor até à majestosa escadaria. Iam pessoas a rir e na cavaqueira, a regressar do salão para os camarotes. Olhou para o relógio de bronze ornado, flanqueado por duas estatuetas em baixo-relevo por cima do patamar intermédio da escadaria. Os ponteiros dourados indicavam 11h51m da noite.

Um camareiro, que estava ao lado de um opulento candeeiro de pé ao fundo da escadaria, olhou-o com desdém, evidentemente exasperado por ver um passageiro tão maltrapilho a vaguear pela zona de primeira classe, enquanto todos os outros deambulavam pelas ricas tapeçarias orientais com elegantes trajes de gala.

— Os motores... pararam — disse com a voz pastosa.

— Provavelmente para uma pequena afinação, cavalheiro — retorquiu o camareiro. — É uma embarcação nova, na sua primeira viagem. É natural haver arestas a limar. Não tem motivos de preocupação. É inafundável, sabe?

— Se é feita de ferro, pode afundar-se. — Esfregou os olhos raiados de sangue. — Acho que vou dar uma espreitadela lá fora.

O camareiro abanou a cabeça.

— Não o recomendaria, cavalheiro. Está um frio terrível.

O passageiro do fato engelhado encolheu os ombros. Estava habituado ao frio. Rodou sobre os calcanhares, subiu um lanço de escada e franqueou uma porta que dava para o lado estibordo do convés. Ofegou como se tivesse sido espetado por mil agulhas. Depois de passar três dias deitado no ventre quente do camarote, sofreu o rude golpe das temperaturas negativas que se faziam sentir. Não corria a menor brisa, apenas um frio cortante e inerte que descia do céu sem nuvens como um manto.

Caminhou até à amurada e levantou a gola do casaco. Debruçou-se, mas apenas viu o mar escuro, calmo como um lago de jardim. Depois, olhou para a proa e para a popa. O tombadilho, desde o tejadilho elevado da sala de fumo da primeira classe até à ponte de comando à frente da mes- se de oficiais, estava deserto. Apenas o fumo que emanava indolentemente de três das quatro enormes chaminés amarelas e pretas, e as luzes que bri- lhavam do lado de dentro das janelas do salão e da sala de leitura deixavam adivinhar alguma atividade humana.

A espuma branca ao longo do casco estava a diminuir e a escurecer à medida que a gigantesca embarcação diminuía aos poucos de velocidade e deslizava em silêncio por debaixo da interminável abóbada estrelada. O comissário de bordo saiu da messe de oficiais e espreitou por cima da amu- rada.

— Porque parámos?

— Batemos em alguma coisa — respondeu o comissário de bordo sem se virar.

— É grave?

— Não é provável, cavalheiro. Se houver algum rombo, as bombas de- verão dar conta do recado.

De repente, irrompeu das oito chaminés um rugido ensurdecedor que mais pareceu produzido por cem locomotivas de Denver e Rio Grande, a trovejar num túnel em uníssono. Mesmo ao tapar os ouvidos com as mãos, o passageiro reconheceu a causa. Lidara com equipamento mecânico tem- po suficiente para saber como o excesso de vapor dos motores de movi- mento alternativo ao *ralenti* estava a ser expelido pelas válvulas de desvio. O terrível estrondo não permitiu mais trocas de palavras com o comissário de bordo. Virou-se e viu outros membros da tripulação assomar no convés. Sentiu um pavor terrível na barriga quando os começou a ver a retirar as lonas dos botes salva-vidas e a desobstruir as linhas para os gaviets.

Ficou ali durante quase uma hora enquanto o estridor das condutas

de escape diminuía aos poucos na penumbra. Agarrado à amurada, ignorando o frio, mal reparou nos pequenos grupos de passageiros que tinham começado a deambular pelo convés numa desordem estranha e silenciosa.

Ia a passar um dos oficiais menos graduados da embarcação. Era jovem, vinte e poucos anos, e ostentava no rosto aquela tez leitosa típica dos Britânicos e aquela típica expressão britânica de quem está de mal com a vida. Abeirou-se do homem agarrado à amurada e deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Queira desculpar, cavalheiro, mas é melhor vestir o colete salva-vidas.

O homem virou-se devagar e fitou-o.

— Vamos afundar-nos, não vamos? — perguntou com a voz rouquenha.

O oficial hesitou por instantes, mas depois assentiu com a cabeça.

— Está a meter água mais depressa do que as bombas conseguem bombear.

— Quanto tempo temos?

— É difícil dizer. Talvez mais uma hora se a água não chegar às caldeiras.

— O que aconteceu? Não havia nenhum navio por perto. Com o que foi que colidimos?

— Com um icebergue. Rasgou-nos o casco. Sorte madrastra.

Agarrou o braço do oficial com tanta força que o jovem estremeceu.

— Tenho de ir ao porão.

— Não me parece, cavalheiro. A sala de comunicações do convés F está inundada e a bagagem já está a boiar no porão.

— Tem de me levar lá.

O oficial tentou libertar o braço, mas o homem agarrara-o como um torno.

— Impossível! Tenho ordens para tratar dos botes salva-vidas de estibordo.

— Outro oficial pode tratar dos botes — disse o passageiro num tom monocórdico. — Você vai-me levar ao porão.

Foi então que o oficial reparou em duas coisas inquietantes. Primeiro, no olhar alterado e alienado do passageiro, segundo, no cano da pistola encostado aos seus genitais.

— Se quer conhecer os seus netos, faça o que estou a dizer — rosnou o homem.

O oficial olhou boquiaberto para a pistola e depois levantou a cabeça. De súbito, alguma coisa no seu interior ficara nauseada. Não adiantava discutir ou resistir. Os olhos vermelhos que fulminavam os seus ardiam desde as profundezas do desvario.

— O máximo que posso fazer é tentar.

— Então, tente! — rosnou o passageiro. — E nada de artimanhas. Estarei atento aos seus movimentos. Um erro estúpido e espeto-lhe uma bala nas costas.

Meteu a pistola no bolso do casaco com discrição, mantendo o cano encostado às costas do oficial. Seguiram sem dificuldade pelo meio da turba de pessoas que estavam agora aglomeradas no convés. Nesta altura, era uma embarcação diferente. Não se ouviam risos nem sinais de boa disposição, nenhuma distinção de classes; e os ricos e os pobres estavam unidos pelo laço comum do medo. Os camareiros eram os únicos a sorrir e a fazer conversa de circunstância enquanto distribuíam coletes salva-vidas de um branco fantasmagórico.

Os foguetes de sinalização pairaram nos ares, parecendo pequenos e inúteis sob as trevas asfixiantes, a explosão de chispas brancas avistadas apenas pelas pessoas que estavam a bordo da condenada embarcação. Proporcionaram um pano de fundo sinistro para as dilacerantes despedidas, as expressões de esperança forçadas nos olhos dos homens enquanto ajudavam as mulheres e as crianças a subir para os botes salva-vidas. A terrível irre realidade da cena foi reforçada quando a banda de oito elementos da embarcação se reuniu no convés, absurdos com os seus instrumentos e coletes salva-vidas sem cor. Começaram a tocar *Alexander's Ragtime Band* de Irving Berlin.

O oficial da embarcação, instigado pela pistola, desceu a custo a escadaria principal contra a vaga de passageiros que afluía na direção dos botes salva-vidas. A inclinação da proa estava mais pronunciada. Desceram as escadas em desequilíbrio. No convés B, chamaram um elevador e desceram até ao convés D.

O jovem oficial virou-se e sondou o homem cujo estranho capricho o levava inexoravelmente para as garras de uma morte certa. Tinha os lábios repuxados por cima dos dentes, os olhos vítreos com um olhar distante. O passageiro levantou a cabeça e viu o oficial a fitá-lo. Entreolharam-se durante bastante tempo.

— Não se preocupe...

— Bigalow, cavalheiro.

— Não se preocupe, Bigalow. Salvar-se-á antes de o barco se afundar.
— A que secção do porão pretende ir?
— À caixa-forte da embarcação no porão número um, convés G.
— O convés G de certeza que já está debaixo de água.
— Só saberemos quando lá chegarmos, não é? — Quando as portas do elevador abriram, o passageiro gesticulou com a pistola no bolso do casaco. Saíram e abriram caminho pelo meio da multidão.

Bigalow despiu o colete salva-vidas e, a correr, desceu a escadaria que conduzia ao convés E. Ali chegado, parou e olhou para baixo e viu a água a subir, seguindo o seu inexorável caminho pelos degraus acima. Algumas lâmpadas ainda estavam acesas debaixo da água verde e fria, lançando um brilho inquietante e disforme.

— Não vale a pena. Pode ver com os próprios olhos.
— Não há outro caminho?
— As portas estanques fecharam imediatamente após a colisão. É possível que consigamos descer uma das escadas de emergência.
— Então, continue a caminhar.

O caminho pelos sinuosos corredores foi feito com rapidez através do interminável labirinto de passagens e túneis de escadas. Bigalow parou, abriu uma escotilha e espreitou pela estreita abertura. Surpreendentemente, a água no convés de carga lá em baixo só tinha meio metro de profundidade.

— Nada a fazer — mentiu. — Está inundado.

O passageiro empurrou brutalmente o oficial e foi ver com os próprios olhos.

— Está suficientemente seco para o que pretendo fazer — disse, lentamente. Agitou a pistola na direção da escotilha. — Continue.

As luzes elétricas do teto ainda estavam acesas no porão enquanto os dois homens chapinharam rumo à caixa-forte da embarcação. Os raios difusos cintilaram no bronze de um enorme automóvel *Renault* preso ao convés.

Os dois tropeçaram e caíram várias vezes na água gelada, que lhes entorpeceu os corpos com o frio. Cambaleando como dois homens embriagados, chegaram por fim à caixa-forte. Era um cubo no meio do compartimento de carga. Media dois metros e meio por dois metros e meio; as sólidas paredes eram feitas de aço de Belfast com trinta centímetros de espessura.

O passageiro tirou uma chave do bolso do colete e inseriu-a na ranhura.

A fechadura era nova e rígida, mas por fim as tranquetas rodaram com um estalido. Abriu a porta pesada e entrou para a caixa-forte. Depois, virou-se e sorriu pela primeira vez.

— Obrigado pela ajuda, Bigalow. É melhor subir. Ainda vai a tempo.

Bigalow fez uma expressão de espanto.

— O senhor vai ficar?

— Sim, vou ficar. Assassinei oito homens bons e leais. Não consegui viver com isso. — Proferiu estas palavras categoricamente, decidido. — Acabou-se. Tudo.

Bigalow tentou falar, mas as palavras não saíram.

O passageiro assentiu com a cabeça demonstrando compreensão e começou a fechar a porta.

— Graças a Deus por Southby — disse.

E depois desapareceu, engolido pelas negras entranhas da caixa-forte.

BIGALOW SOBREVIVEU.

Ganhou a corrida contra a água em ascensão e conseguiu chegar ao tombadilho e atirar-se borda fora segundos antes de o navio se afundar.

Enquanto o volume do enorme transatlântico se afundava, a flâmula vermelha com uma estrela branca que estivera pendente no alto do mastro da popa sob a tranquilidade da noite desenrolou-se de repente ao entrar em contacto com a água, como que numa saudação final aos 1500 homens, mulheres e crianças que estavam a morrer de exposição aos elementos ou a afogar-se nas águas geladas.

Um instinto cego apoderou-se de Bigalow e este agarrou a flâmula quando ia a passar. Antes de ter tempo de raciocinar, antes de perceber o perigo absoluto do seu ato imprudente, deu por si a ser puxado para as profundezas. Porém, segurou-se obstinadamente, recusando-se a largar a flâmula. Encontrava-se a pouco mais de seis metros de profundidade quando, finalmente, os ilhós da flâmula se soltaram da adriça e ele foi recompensado. Só então lutou para subir à tona no meio das trevas líquidas. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, irrompeu no ar noturno, agradecido por o efeito de sucção do navio a afundar-se não o ter apanhado.

A água a menos de dois graus negativos quase o matou. Mais dez minutos nas águas gélidas e seria apenas mais um número nas estatísticas daquela terrível tragédia.

O que o salvou foi uma corda; a sua mão roçou-lhe e ele agarrou a corda presa a um bote virado ao contrário. Com as suas últimas forças, içou

o corpo quase congelado para bordo e partilhou com outros trinta homens a dor entorpecedora do frio até serem salvos por outro barco quatro horas mais tarde.

Os gritos de fazer dó das centenas que pereceram perdurariam para sempre na mente dos sobreviventes. Porém, enquanto se agarrava ao bote salva-vidas virado e parcialmente submerso, os pensamentos de Bigalow incidiram sobre outra memória: o estranho homem encerrado para sempre na caixa-forte do navio.

Quem era ele?

Quem eram os oito homens que confessara ter assassinado?

Que segredo encerrava a caixa-forte?

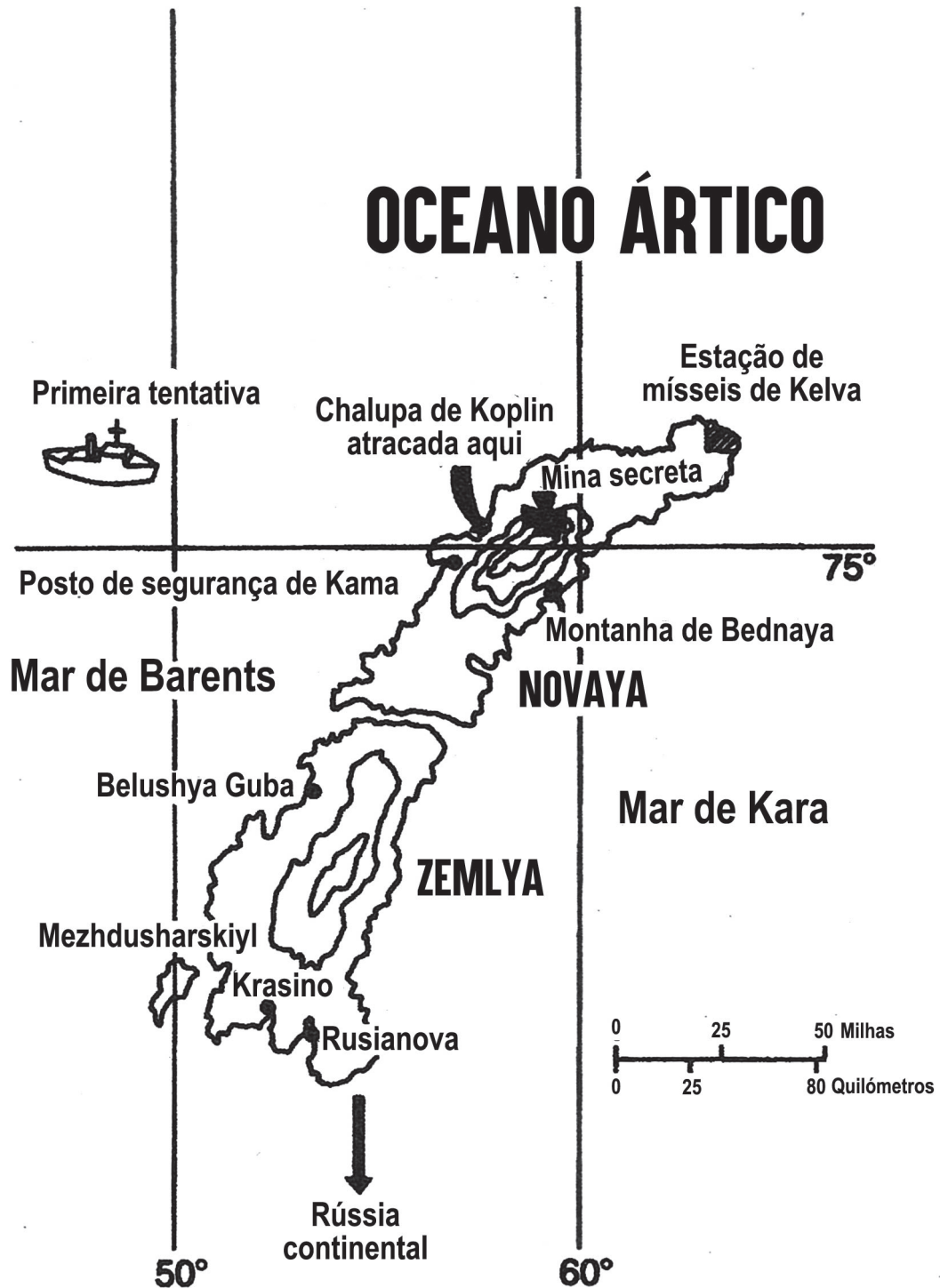
Eram perguntas que assombrariam Bigalow durante os setenta e seis anos seguintes, até às últimas horas da sua vida.

PARTE 1

O PROJETO SICILIANO

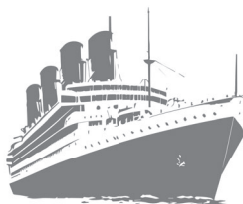


OCEANO ÁRTICO



JULHO DE 1987

CAPÍTULO 1



O presidente rodopiou no seu cadeirão, entrelaçou os dedos atrás da cabeça e, absorto, olhou pela janela da Sala Oval e disse mal da sua sorte. Odiava o seu trabalho com uma veemência que não pensara ser possível. Percebera no preciso momento em que deixara de sentir o entusiasmo. Percebera na manhã em que tivera dificuldade em levantar-se da cama. Era sempre o primeiro sinal. Pavor de começar o dia.

Desde que fora eleito, questionava-se pela enésima vez porque lutara tanto para conseguir aquele maldito e ingrato cargo. O preço que pagara fora dolorosamente alto. O seu trajeto político deixara um rasto de amizades desfeitas e um casamento destruído. Além disso, assim que ocupara o cargo, descobrira a sua imberbe administração entravada por um escândalo no Departamento do Tesouro, uma guerra na América do Sul, uma greve das companhias aéreas a nível nacional e um Congresso hostil que passara a desconfiar do ocupante da Casa Branca, fosse ele quem fosse. Disse uma imprecação adicional ao pensar no Congresso. Os seus membros tinham defraudado os seus dois últimos vetos e as notícias não lhe tinham caído bem.

Graças a Deus, escaparia às tretas de outra eleição. Ainda não sabia como conseguira ser eleito para dois mandatos. Quebrara todos os tabus políticos que fazem um candidato de sucesso. Além de ser divorciado, não ia à missa, fumava charutos em público e ostentava um enorme bigode. Fizera campanha ignorando os adversários e tendo um impacto inabalável entre os eleitores com um discurso inflexível. E eles tinham adorado. Oportunamente, chegara numa época em que o americano médio estava saturado de candidatos sonsos que mostravam largos sorrisos e faziam amor com as câmaras de televisão, e que diziam trivialidades, nada de frases que a

imprensa conseguisse distorcer ou encontrar sentidos ocultos para inventar entre os substantivos.

Mais dezoito meses e o seu segundo mandato terminaria. Foi um pensamento que lhe deu alento para continuar. O seu antecessor aceitara o cargo de reitor da Universidade da Califórnia. Eisenhower recolhera à sua quinta em Gettysburg e Johnson ao seu rancho no Texas. O presidente sorriu consigo mesmo. Não lhe interessava ser um velho estadista afastado das lides. Os seus planos incluíam o exílio voluntário no Pacífico Sul numa galeota de dois mastros e doze metros. Ali, ignoraria todas as malditas crises que agitavam o mundo enquanto bebia rum e deitava o olho às raparigas nativas de nariz curto e achatado e de seios fartos que por ali andassem. Fechou os olhos e quase conseguiu ver o imaginado quando o seu assessor abriu a porta e aclarou a voz.

— Desculpe, senhor presidente, mas o senhor Seagram e o senhor Donner estão à espera.

O presidente rodou o cadeirão de volta para a secretária e passou as mãos pelos cabelos densos e grisalhos.

— Está bem, mande-os entrar.

Animou-se visivelmente. Gene Seagram e Mel Donner tinham acesso imediato ao presidente a qualquer hora, de dia ou de noite. Eram os avaliadores principais da Meta Section, um grupo de cientistas que trabalhavam em absoluto secretismo em projetos de investigação dos quais nunca ninguém ouvira falar, projetos que visavam avanços tecnológicos de vinte ou trinta anos.

A Meta Section fora uma ideia original do presidente. Pusera-a em marcha durante o primeiro ano de mandato, fora conivente e manipuladora o financiamento secreto ilimitado, e recrutara pessoalmente o pequeno grupo de homens brilhantes e dedicados que formavam o seu núcleo. Sentia um enorme orgulho não publicitado nesse projeto. Nem a CIA nem a Agência Nacional de Segurança sabiam da sua existência. Sempre fora o seu sonho apoiar uma equipa de homens capazes de dedicar as suas competências e talentos a esquemas impossíveis, esquemas de fantasia com uma probabilidade de sucesso de um num milhão. Não lhe pesava na consciência o facto de a Meta Section ainda não ter produzido qualquer resultado passados cinco anos da sua criação.

Não se cumprimentaram com apertos de mão, apenas com palavras cordiais. Então, Seagram abriu uma mala de cabedal coçada e uma pasta de arquivo com várias fotografias aéreas. Dispôs as fotografias na secretária

do presidente e indicou-lhe várias áreas assinaladas com círculos feitos em acetatos.

— A região montanhosa da ilha superior de Novaya Zemlya, a norte da Rússia continental. Todas as indicações dos sensores do nosso satélite indicam esta área como uma diminuta possibilidade.

— Bolas! — murmurou o presidente brandamente. — Sempre que descobrimos alguma coisa assim, tem de se localizar na União Soviética ou noutro local inatingível. — Perscrutou as fotografias e depois olhou para Donner. — A Terra é um lugar enorme. Com certeza haverá outras áreas promissoras?

Donner abanou a cabeça.

— Lamento, senhor presidente, mas os geólogos procuram bizânio desde que Alexander Beesley descobriu esse elemento em 1902. Tanto quanto sabemos, nunca foram encontradas quantidades substanciais.

— A sua radioatividade é tão extrema — interveio Seagram —, que há muito desapareceu dos continentes, existindo apenas em volumes muito residuais. Os fragmentos que conseguimos reunir foram extraídos de pequenas partículas criadas artificialmente.

— Não é possível criar um suprimento através de meios artificiais? — indagou o presidente.

— Não, senhor — respondeu Seagram. — A partícula mais duradoura que conseguimos produzir com um acelerador de alta energia decompôs-se em menos de dois minutos.

O presidente recostou-se e fitou Seagram.

— De que quantidade necessitam para concluir o programa?

Seagram olhou para Donner, depois para o presidente.

— O senhor presidente certamente compreenderá que ainda estamos numa fase muito especulativa...

— De que quantidade necessitam? — repetiu o presidente.

— Calculo que uns duzentos e vinte e cinco gramas.

— Compreendo.

— É apenas a quantidade necessária para testar completamente o conceito — acrescentou Donner. — Precisáramos de mais cinco quilos e meio para configurar o equipamento numa escala totalmente operacional em pontos estratégicos nas fronteiras do país.

O presidente afundou-se no cadeirão.

— Nesse caso, talvez seja melhor pormos esta ideia de parte e avançar para a seguinte.

Seagram era um homem alto e magro, com uma voz tranquila e modos polidos, e, não fosse o nariz grande e achatado, quase passaria por um Abe Lincoln sem barba.

Donner era o oposto de Seagram. Era baixo e parecia ter quase tanto de largura como de altura. Tinha uns cabelos da cor do trigo, olhos melancólicos e parecia ter a cara constantemente transpirada. Começou a falar a um ritmo frenético.

— O Projeto Siciliano está demasiado perto de se tornar realidade para ser enterrado e esquecido. Recomendo com veemência que o continuemos. É um tiro no escuro, mas se conseguirmos... meu Deus, senhor presidente, as consequências são incalculáveis.

— Estou recetivo a sugestões — disse o presidente, muito calmo.

Seagram respirou fundo e intercedeu.

— Primeiro, precisaríamos da sua autorização para construir as instalações necessárias. Segundo, necessitaríamos dos fundos necessários. E, terceiro, precisaríamos da ajuda da Agência Nacional Marinha e Submarina.

O presidente brindou Seagram com um olhar inquisitivo.

— Compreendo os dois primeiros pedidos, mas está-me a escapar a relevância da NUMA. Onde é que a agência entra?

— Teremos de infiltrar mineralogistas especializados em Novaya Zemlya. Como está rodeada de água, uma expedição oceanográfica da NUMA ali perto seria o disfarce perfeito para a nossa missão.

— Quanto tempo demorará a testar, construir e instalar o sistema?

Donner não hesitou.

— Dezasseis meses e uma semana.

— Até que ponto conseguem avançar sem bizâncio?

— Até à derradeira fase — respondeu Donner.

O presidente reclinou o cadeirão e olhou fixamente para o relógio náutico que havia em cima da secretária. Não abriu a boca durante quase um minuto. Por fim, anunciou:

— Na minha maneira de ver, cavalheiros, os senhores pretendem que eu financie a construção de um complexo sistema de vários milhões de dólares, não comprovado e não testado, que não funcionará porque carecemos do elemento principal que poderão ter de roubar a um país hostil.

Seagram remexeu na pasta enquanto Donner se limitou a assentir com a cabeça.

— Suponho que me indiquem — continuou o presidente — como

explico um labirinto destas instalações posicionado em todo o perímetro do país a algum liberal avarento do Congresso que decida investigar.

— Aí é que está a beleza do sistema — disse Seagram. — É pequeno e compacto. Os computadores dizem-nos que um edifício construído ao estilo de uma pequena central elétrica dará conta do recado. Nem os satélites espiões russos nem um agricultor vizinho perceberão alguma coisa fora do vulgar.

O presidente cofiou o queixo.

— Porque desejam implementar o Projeto Siciliano antes de estarem completamente preparados?

— É uma aposta de risco, senhor presidente — explicou Donner. — Estamos a apostar que, nos próximos dezasseis meses, ou conseguimos uma descoberta inovadora e produzimos bizâncio em meio laboratorial ou encontramos um depósito do qual possa ser extraído algures na Terra.

— Mesmo que demorássemos dez anos — desembuchou Seagram —, as instalações já estariam prontas e a postos. Apenas teríamos perdido tempo.

O presidente levantou-se.

— Cavalheiros, financiarei o vosso esquema de ficção científica, mas com uma condição. Têm exatamente dezoito meses e dez dias. Será quando o novo inquilino desta casa, seja ele quem for, ocupará o meu cargo. Por isso, se querem manter o vosso financiador feliz até lá, é bom que apresentem resultados.

Os dois homens do outro lado da secretária ficaram sem reação.

Por fim, Seagram conseguiu falar.

— Obrigado, senhor presidente. De alguma forma, não sei como, a equipa encontrará o filão. Pode ter a certeza.

— Ótimo. Agora, se me derem licença, tenho uma sessão fotográfica no Roseiral com um grupo de Filhas da Revolução Americana velhas e gordas.

— Estendeu a mão. — Boa sorte. E não se esqueçam! Não revelem as vossas operações secretas. Não quero que outra missão de espionagem como a dos U-2 me expluda nas mãos como ao Eisenhower. Compreendido?

Antes de Seagram e Donner terem tempo de responder, já lhes virara costas e saíra pela porta lateral.

O CHEVROLET DE DONNER FOI INSPECIONADO NOS PORTÕES DA Casa Branca. Entrou para o fluxo de trânsito e atravessou o Potomac rumo à Virgínia. Quase tinha medo de olhar pelo retrovisor, não fosse o presidente

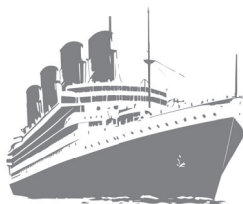
mudar de ideias e enviar um mensageiro atrás dele para o informar de que o projeto fora rejeitado. Baixou o vidro e respirou o ar estival húmido.

— Tivemos sorte — disse Seagram. — Deves estar ciente disso.

— A quem o dizes. Se ele soubesse que enviámos um homem para o território russo há duas semanas, estávamos tramados.

— Isso ainda pode vir a acontecer — resmungou Seagram com os seus botões. — Ainda pode acontecer se a NUMA não conseguir resgatar o nosso homem.

CAPÍTULO 2



Sid Koplin tinha a certeza de estar a morrer. Tinha os olhos fechados e o sangue que lhe escorria pelo flanco deixava uma mancha na neve branca. Um lampejo de luz explodiu na mente de Koplin à medida que a consciência regressava aos poucos e um espasmo de náuseas espalhou-se pelo seu corpo fazendo-o vomitar descontroladamente. Fora alvejado uma ou duas vezes? Não tinha a certeza.

Abriu os olhos e rebolou, apoiando-se nas mãos e nos joelhos. Sentia a cabeça a latejar como um martelo pneumático. Levou lá a mão e tocou numa ferida profunda coagulada que lhe abrira a cabeça acima da têmpora esquerda. Tirando a dor de cabeça, não tinha sensibilidade exterior; a dor fora entorpecida pelo frio. Todavia, a ardência agonizante no flanco esquerdo não tinha nada de entorpecido, mesmo abaixo da caixa torácica, onde acertara a segunda bala, e conseguiu sentir o sangue pegajoso a escorrer por debaixo da roupa, chegando-lhe às coxas e às pernas.

Uma salva de disparos de armas automáticas ecoou pela montanha. Koplin olhou à sua volta, mas só conseguiu ver a neve a revoltear, varrida pelo feroz vento do Ártico. Outra rajada rasgou o ar glacial. Calculou que viria de apenas alguns metros dali. Uma patrulha soviética deveria estar a disparar às cegas pelo meio da tempestade de neve na esperança de lhe acertar outra vez.

Agora, tinha perdido qualquer esperança de conseguir escapar. Estava acabado. Sabia que nunca chegaria à enseada onde atracara a chalupa. Também não estava em condições de navegar a pequena embarcação de oito metros e meio por cinquenta milhas até ao ponto de encontro em alto-mar com a embarcação oceanográfica americana que o aguardava.

Afundou-se outra vez na neve. Perdera tanto sangue que não conseguia fazer mais esforços físicos. Os Russos não o poderiam encontrar. Isso fazia parte do acordo com a Meta Section. Se tinha de morrer, não poderiam encontrar o cadáver.

Cheio de dores, começou a cobrir-se de neve. Em breve, seria apenas um pequeno monte branco numa ladeira desolada da montanha de Bednaya, para sempre enterrado debaixo do manto de gelo em constante acumulação.

Parou por instantes e pôs-se à escuta. Só ouviu os seus próprios arquejos e o vento. Ouviu com mais atenção, pondo as mãos em concha nas orelhas. Ao longe, no meio dos uivos do vento, ouviu um cão a ladrar.

— Oh, meu Deus — lamuriou-se, em sussurros. Enquanto o seu corpo estivesse quente, de certeza que o cão o farejaria. Derrotado, prostrou-se. Não podia fazer mais nada a não ser deixar a vida esvair-se.

Porém, uma chispa bem lá no fundo recusou-se a diminuir e a extinguir-se. Deus misericordioso, pensou num estado de delírio, não podia ficar ali deitado à espera de que os Russos o apanhassem. Era apenas um professor de mineralogia, não um agente secreto com treino específico. A sua mente e o corpo de 40 anos não estavam preparados para ser sujeitos a um interrogatório intensivo. Se sobrevivesse, arrancar-lhe-iam a história completa em poucas horas. Fechou os olhos consoante a agonia do fracasso se sobrepôs a toda a agonia física.

Quando os abriu outra vez, o seu campo de visão era ocupado pela cabeça de um enorme cão. Koplin reconheceu a raça. Era um komondor, um animal enorme a pouco mais de setenta centímetros do ombro dele, coberto de um imenso emaranhado de pelugem branca. O enorme cão rosnou ferozmente e teria rasgado a goela de Koplin se não estivesse preso pela trela que um soldado soviético estava a segurar. O homem aparentava indiferença. Estava ali de pé a fitar a presa indefesa, segurando a trela com a mão esquerda e apontando uma arma automática com a direita. Tinha um ar assustador com o seu enorme sobretudo que lhe chegava aos pés, com as botas, e uns olhos claros e inexpressivos que não revelavam qualquer compaixão pelos ferimentos de Koplin. O soldado pôs a arma à bandoleira, baixou-se e puxou Koplin até este ficar de pé. Depois, sem uma palavra, o russo começou a arrastar o americano ferido até ao posto de segurança da ilha.

Koplin quase perdeu os sentidos com a dor. Sentiu que tinha sido arrastado pela neve durante quilómetros quando o posto ficava apenas a pouco menos de cinquenta metros. Fora essa a distância que tinham percorrido depois de avistarem um vulto no meio da tempestade. O vulto fora indistinto por causa da muralha de neve a rodopiar. Na bruma que quase o fazia perder os sentidos, Koplin sentiu o soldado enrijecer.

Ouviu-se um estampido longínquo que se sobrepôs ao vento e o enorme komondor caiu sem fazer barulho, de lado, na neve. O russo libertou Koplin e, frenético, tentou levantar a arma, mas ouviu-se outra vez o estranho som e, de súbito, apareceu um pequeno buraco a jorrar líquido vermelho no meio da testa do soldado. Então, os seus olhos ficaram vidrados e ele caiu ao lado do cão.

Estava a acontecer algo terrivelmente errado; isto não deveria estar a acontecer, mas a sua mente exausta encontrava-se demasiado confusa para tirar conclusões válidas. Enterrou-se até aos joelhos e só conseguiu ficar a ver enquanto um homem alto com um anoraque cinzento se materializou no meio da bruma branca e olhou fixamente para o cão.

— Lamentável — disse, laconicamente.

O homem tinha uma aparência imponente. O rosto curtido pelo sol parecia deslocado no Ártico. E tinha umas feições inflexíveis, quase cruéis. Porém, foram os olhos que impressionaram Koplin. Nunca vira uns olhos assim. Eram de um verde-marinho profundo e irradiavam uma espécie de calor penetrante, um contraste profundo com as rugas rígidas vincadas no seu rosto.

O homem virou-se para Koplin e sorriu.

— Doutor Koplin, presumo? — Pronunciou-se num tom delicado e informal.

O desconhecido meteu uma pistola com silenciador num bolso, ajoelhou-se até os seus olhos ficarem ao nível dos de Koplin e assentiu com a cabeça a ver o sangue a manchar o tecido do seu anoraque.

— É melhor levá-lo até um sítio onde possa observar isso. — De seguida, pegou em Koplin ao colo como se fosse uma criança e começou a caminhar pesadamente pela montanha abaixo na direção do mar.

— Quem é o senhor? — murmurou Koplin.

— Chamo-me Pitt. Dirk Pitt.

— Não compreendo... de onde saiu?

Koplin não ouviu a resposta. Nesse momento, o manto negro da inconsciência levantou-se e, grato, ele enfiou-se por debaixo.

CAPÍTULO 3



Seagram acabou de beber uma *margarita* enquanto esperava num pequeno restaurante com jardim mesmo à saída da Capitol Street para almoçar com a mulher, que estava atrasada. Nos oito anos de casamento, ela nunca chegara a qualquer sítio à hora marcada. Chamou a atenção do empregado e fez sinal a pedir outra bebida.

Por fim, Dana Seagram chegou e permaneceu por instantes no átrio à procura do marido. Avistou-o e começou a serpentear pelo meio das mesas na direção dele. Envergava uma saia de *tweed* cor de laranja e castanha tão juvenilmente que mais parecia uma colegial. Trazia o cabelo louro preso com um lenço e os seus olhos castanhos como o café eram divertidos, alegres e sagazes.

— Estás à espera há muito? — indagou, sorridente.

— Há dezoito minutos, para ser específico — informou. — Cerca de dois minutos e dez segundos mais do que os teus atrasos habituais.

— Desculpa — retorquiu. — O almirante Sandecker convocou uma reunião do pessoal que se arrastou mais do que eu esperava.

— Qual foi a sua última ideia genial?

— Uma nova ala para o Museu Marítimo. Tem o orçamento e agora está a fazer planos para conseguir os artefactos.

— Artefactos? — quis saber Seagram.

— Fragmentos resgatados de embarcações famosas. — O empregado chegou com a bebida de Seagram e Dana pediu um *daiquiri*. — É extraordinário o pouco que sobejou. Uma ou duas boias salva-vidas do *Lusitania*, um ventilador do *Maine* aqui, uma âncora do *Bounty* ali; nenhum desses objetos guardado convenientemente debaixo de um teto.

— Dá-me a entender que há maneiras melhores de empregar o dinheiro dos contribuintes.

Ela ruborizou.

— Como assim?

— Acumular lixo velho — disse ele, reservadamente —, proteger pedaços enferrujados e corroídos de lixo não identificável numa redoma de vidro para ficar a ganhar pó e as pessoas ficarem a olhar de boca aberta. É um desperdício.

As bandeiras de guerra estavam içadas.

— A preservação de navios e embarcações providencia uma importante ligação ao passado histórico da humanidade. — Os olhos castanhos de Dana faiscaram. — Contribuir para o conhecimento é uma iniciativa que um estafermo como tu não compreende.

— Falaste como uma verdadeira arqueóloga marinha — disse ele.

Ela fez um sorriso contrafeito

— Que porra, continuas a ir aos arames por a tua mulher ter conseguido ser alguém na vida, não é?

— A única coisa que me faz ir aos arames, querida, é a tua linguagem indecorosa. Porque é que todas as mulheres emancipadas acham que é chique dizer palavrões?

— Tu não és propriamente a pessoa mais indicada para dar lições de *savoir-faire* — disse ela. — Cinco anos na grande cidade e ainda te vestes como um vendedor de bigornas de Omaha. Porque não cortas o cabelo como os outros homens? Há anos que se deixou de usar o corte de cabelo ao estilo Ivy League. Tenho vergonha de ser vista contigo.

— O meu cargo na administração exige que não tenha a aparência de um *hippie* dos anos sessenta.

— Meu Deus. — Ela abanou a cabeça com ar fatigado. — Porque não casei com um canalizador ou um arboricultor? Porque tive de me apaixonar por um físico da região agrícola?

— É reconfortante saber que já me amaste.

— Ainda te amo, Gene — disse ela, enternecendo o olhar. — Este abismo entre nós só se abriu nos dois últimos anos. Nem sequer conseguimos almoçar juntos sem tentarmos magoar-nos mutuamente. Porque não mandamos tudo às favas e passamos o resto da tarde a fazer amor num motel? Estou na disposição de me sentir deliciosamente sensual.

— Isso faria alguma diferença a longo prazo?

— Seria um começo.

— Não posso.

— Outra vez a tua maldita dedicação ao dever — disse ela, desviando o olhar. — Não compreendes? Os nossos empregos afastaram-nos. Ainda nos podemos salvar, Gene. Podemos apresentar a demissão e voltar ao ensino.

Com o teu doutoramento em Física e o meu doutoramento em Arqueologia, junto com a nossa experiência e credenciais, podemos lecionar em qualquer universidade do país. Estávamos na mesma faculdade quando nos conhecemos, lembras-te? Foram os anos mais felizes da nossa relação.

— Tem dó, Dana, não me posso despedir. Agora, não.

— Porque não?

— Estou com um projeto importante...

— Todos os projetos dos últimos cinco anos foram importantes. Por favor, Gene, estou a suplicar-te que salves o nosso casamento. Apenas tu podes dar o primeiro passo. Farei o que quiseres se pudermos sair de Washington. Esta cidade destruirá qualquer esperança de salvar a nossa vida comum se esperarmos muito mais.

— Preciso de mais um ano.

— Mais um mês e será tarde de mais.

— Tenho um compromisso que não me permite abandoná-lo.

— Quando acabarão estes ridículos projetos secretos? Tu não passas de uma ferramenta para a Casa Branca.

— Não preciso de ouvir essas tretas liberais lamechas.

— Gene, pelo amor de Deus, desiste!

— Não é pelo amor de Deus, Dana, é pelo bem do meu país. Lamento não conseguir fazer com que compreendas.

— Desiste! — repetiu ela, os olhos banhados de lágrimas. — Ninguém é indispensável. O Mel Donner que fique no teu lugar.

Ele abanou a cabeça.

— Não — disse, resoluta. — Eu criei este projeto a partir do zero. Foi a minha massa encefálica que o gerou. Tenho de o levar até ao fim.

O empregado regressou e perguntou se já queriam fazer o pedido.

Dana abanou a cabeça.

— Não tenho fome. — Levantou-se da mesa e fitou-o. — Irás jantar a casa?

— Vou ficar a trabalhar até mais tarde.

Agora, as lágrimas escorriam-lhe pela cara.

— Espero que o teu projeto valha a pena — murmurou. — Porque terás de pagar um preço terrível.

Virou-lhe costas e afastou-se com passadas largas.

CAPÍTULO 4



Ao contrário dos agentes dos serviços secretos russos, tantas vezes estereotipados nos filmes de ação americanos, o capitão André Prevlov não era entroncado nem tinha a cabeça rapada. Era um homem bem-parecido e proporcionado, ostentando um corte de cabelo em camadas e um bigode aparado muito à moda. A sua imagem, construída em torno de um carro desportivo cor de laranja italiano e de um apartamento faustosamente mobilado com vistas para o rio Volga, não caía bem entre os seus superiores do Departamento de Serviços de Informações da Marinha Soviética. Porém, não obstante as irritantes inclinações de Prevlov, havia poucas probabilidades de ser afastado do seu alto cargo no departamento. A reputação que criara cuidadosamente como o especialista mais brilhante dos serviços secretos, e o facto de o pai ser o número doze do Partido, conjugavam-se para o capitão Prevlov ser intocável.

Com um movimento habitual e descontraído, acendeu um *Winston* e serviu um copo de *gin Bombay* para si mesmo. Depois, recostou-se e leu a pilha de pastas de arquivo que o seu assistente, o tenente Pavel Marganin, deixara na sua secretária.

— Não consigo compreender, senhor — disse Marganin, com delicadeza —, como consegue aceitar com tanta leviandade o lixo ocidental.

Prevlov levantou os olhos de uma pasta de arquivo e fitou Marganin com uma expressão fria e de desdém.

— Tal como tantos dos nossos camaradas, ignora o mundo na sua globalidade. Eu penso como os Americanos, bebo como os Ingleses, conduzo como os Italianos e vivo como os Franceses. E sabe porquê, tenente?

Marganin ruborizou e, nervoso, murmurou:

— Não, senhor.

— Para conhecer o inimigo, Marganin. O segredo é conhecer o inimigo melhor do que ele nos conhece a nós, melhor do que ele se conhece a si mesmo. Depois, fazer-lhe aquilo que não gostaríamos que nos fizesse a nós.

— Isso é uma citação do camarada Nerv Tshetsky?

Desesperançado, Prevlov encolheu os ombros.

— Não, idiota; estou a aviltar a Bíblia cristã. — Aspirou o fumo e soprou-o pelas narinas. Depois, sorveu o *gin*. — Estude os modos ocidentais, meu amigo. Se não aprendermos com eles, a nossa causa estará perdida. — Voltou as atenções para os arquivos. — Portanto, porque enviaram estes assuntos para o nosso departamento?

— Apenas porque o incidente aconteceu na costa ou lá perto.

— O que sabemos sobre este? — Prevlov abriu a pasta seguinte com um estalido.

— Muito pouco. Desapareceu um soldado e o seu cão que estavam a fazer a ronda na ilha do norte de Novaya Zemlya.

— Não é propriamente motivo para se pensar que é um caso de perigo de segurança. Novaya Zemlya é praticamente deserta. Uma estação de mísseis desatualizada, um posto de vigia, alguns pescadores. As instalações secretas mais próximas ficam a centenas de quilómetros. Um maldito desperdício de tempo mandar um homem com um cão fazer uma ronda.

— Sem dúvida que o mundo ocidental pensaria o mesmo em relação a enviar um agente para ali.

Prevlov tamborilou os dedos na mesa e olhou para o teto com os olhos semicerrados.

Por fim, disse:

— Um agente? Não há lá nada... nada de interesse militar... contudo... — Não terminou o raciocínio e acionou um interruptor do sistema de comunicação. — Traga-me as localizações das embarcações da Agência Nacional Marinha e Submarina dos dois últimos dias.

Marganin soergueu as sobancelhas.

— Eles não se atreveriam a enviar uma expedição oceanográfica até perto de Novaya Zemlya. Localiza-se em águas soviéticas.

— O Mar de Barents não nos pertence — disse Prevlov pacientemente. — Fica em águas internacionais.

Entrou na sala uma atraente secretária loura, envergando um elegante fato castanho, que entregou uma pasta a Prevlov e depois saiu, fechando a porta sem fazer barulho.

Prevlov folheou a pasta até encontrar o que procurava.

— Aqui está. A embarcação da NUMA *First Attempt* foi avistada pela última vez por uma das nossas traineiras a trezentas e vinte e cinco milhas marítimas a sudoeste da Terra de Francisco José.

— Isso fica perto de Novaya Zemlya — disse Marganin.

— Estranho — murmurou Prevlov. — Segundo o plano de operações de embarcações oceanográficas dos EUA, o *First Attempt* deveria estar a estudar o plâncton ao largo da Carolina do Norte aquando deste avistamento. — Emborcou o resto do *gin*, apagou a ponta do cigarro e acendeu outro. — Uma coincidência muito interessante.

— O que é que isso prova? — indagou Marganin.

— Não prova nada, mas sugere que o militar que estava a fazer a ronda em Novaya Zemlya foi assassinado e o agente responsável escapou, e muito provavelmente foi resgatado pelo *First Attempt*. Sugere que os EUA estão a tramar alguma coisa quando um navio de investigação da NUMA se desvia do plano original sem uma explicação.

— O que poderão pretender?

— Não faço a mínima ideia. — Prevlov recostou-se na cadeira e cofiou o bigode. — Mande ampliar as fotografias de satélite da área circundante à hora do acontecimento em causa.

AS SOMBRAS DO FINAL DE TARDE ESTAVAM A ESCURECER AS RUAS DO lado de fora das janelas do gabinete quando o tenente Marganin espalhou as ampliações das fotografias na secretária de Prevlov e lhe passou uma lupa poderosíssima.

— A sua perspicácia deu frutos, senhor. Temos aqui uma coisa interessante.

Prevlov estudou atentamente as imagens.

— Não vejo nada de invulgar no navio; equipamento de investigação normal, nenhuma evidência de apetrechamento de deteção militar.

Marganin apontou para uma fotografia grande angular que mal ilustrava um navio como uma pequena mancha branca na emulsão.

— Repare na pequena silhueta a cerca de dois mil metros do *First Attempt* no canto superior direito.

Prevlov espreitou pela lupa durante quase meio minuto.

— É um helicóptero!

— Sim, senhor, por isso demorei com as ampliações. Tomei a liberdade de pedir à Secção R para analisar as fotografias.

— Presumo que seja uma patrulha de segurança do nosso Exército.

— Não senhor.

Prevlov soergueu as sobrancelhas.

— Está a sugerir que pertence à embarcação americana?

— Eles acham que sim, senhor. — Marganin colocou mais duas fotografias à frente de Prevlov. — Examinaram fotografias anteriores de outro satélite de reconhecimento. Como pode ver ao comparar, o helicóptero está a voar numa rota a afastar-se de Novaya Zemlya na direção do *First Attempt*. Calcularam que vai a uma altitude de três metros e a uma velocidade inferior a quinze nós.

— Obviamente a tentar escapar ao nosso radar de segurança — disse Prevlov.

— Alertamos os nossos agentes na América? — perguntou Marganin.

— Não, ainda não. Não quero pôr em risco o disfarce deles enquanto não tivermos a certeza do que os Americanos pretendem.

Endireitou as fotografias e guardou-as muito direitas na pasta, depois consultou o seu relógio de pulso *Omega*.

— Ainda tenho tempo para um jantar rápido antes do balé. Mais alguma coisa, tenente?

— Apenas o arquivo da Expedição de Deriva da Corrente de Lorelei. O submersível de águas profundas americano foi detetado pela última vez a quatro mil e quinhentos metros de profundidade ao largo da costa de Dakar.

Prevlov levantou-se, pegou na pasta e meteu-a debaixo do braço.

— Analisarei isto quando tiver hipótese. Provavelmente não será nada no que concerne a segurança naval. Não obstante, será uma leitura interessante. Os Americanos adoram inventar projetos estranhos e prodigiosos.

CAPÍTULO 5



Que grande porra! — silvou Dana. — Olha só para os pés de galinha nos meus olhos. — Estava sentada ao toucador e olhou com desalento para o seu reflexo no espelho. — Quem foi que disse que a velhice é uma forma de lepra?

Seagram aproximou-se nas suas costas, puxou-lhe o cabelo para trás e beijou-lhe o pescoço macio e despido.

— Ainda só tens 31 anos e já estás a candidatar-te ao prémio de idosa do mês.

Ela fitou-o no espelho, perplexa com aquela rara exibição de afeto.

— Tens sorte; os homens não têm este problema.

— Os homens também sofrem dos males da idade e de pés de galinha. O que leva as mulheres a pensar que também não racham pelas costuras?

— A diferença é que vocês estão a marimbar-se.

— Somos mais suscetíveis a aceitar o inevitável — disse ele, sorridente.

— Por falar no inevitável, quando é que vais ter um bebé?

— Estafermo! Nunca desistes, pois não? — Atirou uma escova para cima do toucador, lançando um regimento de frascos de beleza artificial espaçados uniformemente pelo tampo de vidro. — Já falámos disso mil vezes. Não me sujeitarei às indignidades da gravidez. Não atirarei para a sanita fraldas cheias de merda dez vezes por dia. Os outros que povoem o planeta. Não estou para me dividir em duas, como uma maldita ameba.

— Esses motivos são uma treta. Nem tu acreditas neles.

Ela virou-se outra vez para o espelho e não retorquiui.

— Um bebé poderia salvar a nossa relação, Dana — disse ele com ternura.

Ela apoiou a cabeça nas mãos.

— Não desistirei da minha carreira tal como tu não prescindirás do teu precioso projeto.

Ele afagou-lhe os macios cabelos dourados e fitou o seu reflexo no espelho.

— O teu pai foi um alcoólico que abandonou a família quando tinhas

apenas 10 anos. A tua mãe trabalhou atrás do balcão de um bar e levou homens para casa para ganhar mais uns trocos para gastar na pinga. Tu e o teu irmão foram tratados como animais até terem idade para fugir da lixeira a que chamavam casa. Ele tornou-se um bandido e começou a assaltar lojas de bebidas alcoólicas e bombas de gasolina; uma ocupação espetacular que lhe valeu uma condenação por homicídio e prisão perpétua em San Quentin. Só Deus sabe como me orgulho da forma como conseguiste sair da sarjeta e trabalhaste dezoito horas por dia para pagares a universidade. Sim, tiveste uma infância miserável, Dana, e tens medo de ter um bebé por causa das tuas memórias. Tens de compreender que o teu pesadelo não faz parte do futuro; não podes negar a hipótese de viver a um filho ou uma filha.

O muro de pedra não cedeu. Ela afastou as mãos dele e começou a arrancar furiosamente as sobancelhas. O assunto estava encerrado; fechara-se a ele definitivamente, como se o tivesse feito desaparecer da sala.

Quando Seagram saiu do chuveiro, Dana estava de pé defronte de um espelho de corpo inteiro. Observou-se minuciosamente, como um estilista a ver pela primeira vez a sua criação terminada. Envergava um vestido branco simples que lhe ficava justo no tronco e depois alargava até aos tornozelos. O decote era largo e deixava ver bastante os seios.

— É bom que te apresses — disse, com indiferença. Era como se não tivessem discutido. — Não queremos deixar o presidente à espera.

— Estarão lá mais de duzentas pessoas. Ninguém nos marcará falta se chegarmos atrasados.

— Não quero saber. — Fez beicinho. — Não é todos os dias que se recebe um convite para uma festa na Casa Branca. No mínimo, quero causar boa impressão chegando a horas.

Seagram suspirou e passou pelo melindroso ritual de dar o nó no laço e depois apertar desajeitadamente os botões de punho só com uma mão. Detestava vestir-se para festas formais. Porque é que as cerimónias de Washington não se podiam realizar a pensar no conforto? Podia ser um evento empolgante para Dana, mas para ele era uma agonia.

Acabou de engraxar os sapatos e de se pentear e foi à sala de estar. Dana estava sentada no sofá, a analisar relatórios, a pasta aberta em cima da mesa de apoio. Estava tão absorta que nem levantou a cabeça quando ele entrou.

— Estou pronto.

— Vou já — murmurou. — Podes ir buscar a minha estola?

— Estamos em pleno verão. Por que carga de água queres transpirar debaixo de um casaco de peles?

Ela retirou os óculos de leitura com aros de tartaruga e disse:

— Acho que um de nós deveria ter um pouco de classe, não achas?

Ele foi ao corredor, pegou no telefone e marcou um número. Mel Donner atendeu a meio do primeiro toque.

— Fala o Donner.

— Já se sabe alguma coisa? — perguntou Seagram.

— O *First Attempt*...

— Aquela embarcação da NUMA que ficou de ir resgatar o Koplin?

— Sim. Contornou Oslo há cinco dias.

— Meu Deus! Porquê? O Koplin deveria abandonar o navio e apanhar um voo comercial para os EUA.

— Não faço ideia. De acordo com as nossas instruções, o navio tem o rádio em silêncio.

— Não me augura nada de bom.

— Não era o planeado, isso é certo.

— Estarei na cerimónia do presidente até cerca das onze da noite. Se souberes de alguma coisa, liga-me.

— Claro que sim. Diverte-te.

Seagram estava a desligar quando Dana saiu da sala de estar. Percebeu a expressão pensativa no semblante dele.

— Más notícias?

— Ainda não se sabe ao certo.

Ela beijou-o na cara.

— É uma pena não podermos viver como as pessoas normais para poderes confidenciar-me os teus problemas.

Ele apertou-lhe a mão.

— Quem me dera poder.

— Segredos governamentais. Que grande seca. — Sorriu dissimuladamente. — E então?

— Então, o quê?

— Não vais ser um cavalheiro?

— Desculpa, esqueci-me. — Tirou a estola do armário e passou-a por cima dos ombros dela. — É um hábito mau que tenho, ignorar a minha mulher.

Ela brindou-o com um sorriso divertido.

— Por isso, serás fuzilado ao romper da aurora.

Meu Deus, pensou ele, infelicíssimo. Se Koplin fizera asneira em Novaya Zemlya, um esquadrão da morte poderia não estar fora de questão.